

# A VIDA DO VELHO BARREIRO



Gonçalo Ferreira da Silva

**GONÇALO – DISCO 069 – 900 – 23/06**

**A VIDA DO VELHO BARREIRO**

Gonçalo Ferreira da Silva

Este pequeno poema  
conta o caso verdadeiro,  
as aventuras da vida  
de um grande brasileiro  
no meio da sua patota  
chamado O Velho Barreiro.

A grande invenção humana  
pra ele foi a cachaça,  
foi o mais nobre produto  
que já puseram na praça  
sem ela, naturalmente,  
a vida não teria graça.

Píndalo? Que nome é esse?  
na sua memória some  
seu próprio nome na hora  
em que a cachaça o consome;  
somente em raros momentos  
lembra que teve este nome.

Agora entra dia, sai dia,  
sai semana, entra semana  
quando aponta na esquina  
grita a patota sacana:  
- Lá vem o velho Barreiro,  
lá se vem o pé de cana.

O nosso Velho Barreiro  
trabalhou decentemente  
mais de quarenta e um anos  
mostrando-se competente  
que nem parecia este  
cachaceiro do presente.

Na firma fazia tudo  
o que mandava o patrão  
e até o que não mandava  
ele, com satisfação  
fazia, mas seu esforço  
infelizmente era em vão.

Limpava o chão e os vidros  
trabalhava o dia inteiro  
dias santos, feriados  
e de janeiro a janeiro  
sem o reconhecimento  
no referente a dinheiro.

Às vezes lembra o momento  
em que era pescador  
com vários barcos no mar  
levando vida de ator,  
chamando Luz Del Fuego  
para gozar seu amor.

Com mais de trinta cantoras  
passou momentos felizes,  
andou por vários lugares,  
percorreu muitos países  
passando em hotéis de luxo  
com as mais belas atrizes.

Para os hotéis cinco estrelas  
levava miss Brasil,  
pagava caixinha para  
todo empregado servil,  
para o garçom mais modesto  
a gorjeta era cem mil.

Mas se o Velho Barreiro  
teve dinheiro graúdo,  
quando um amigo pergunta  
como foi que perdeu tudo  
o Velho Barreiro muda  
de conversa ou fica mudo.

Se alguém duvida, ele diz:  
– Vocês são uns arrombados,  
nasceram passando fome,  
viveram pelos roçados  
comendo só pororocas  
terão que morrer lascados.

Não sou eu que fui criado  
dentro da maior fartura  
comendo queijo do reino  
tendo alimentação pura;  
no tempo que eu era rico  
nunca tive vida dura.

– Se o camarada é rico –  
diz sempre o velho Barreiro  
é cercado de mulheres,  
festejado o dia inteiro,  
lhe puxam o saco por causa  
do maldito do dinheiro.

Porém se o sujeito é pobre  
como eu sou atualmente  
faltam logo com o respeito  
e o que é mais comovente:  
se a gente fala a verdade  
não acreditam na gente.

Há muito o Velho Barreiro  
já tem por lema um sistema:  
beber é o seu refúgio  
e pra completar o lema  
o problema que não tem  
solução não é problema.

A solução do problema  
que não possui solução  
está no dono do dito  
problema usar a razão  
não deixando de ter um  
velho barreiro na mão.

O patrão diz para o Velho  
Barreiro muito zangado:  
– Em serviço não se bebe.  
Ele diz num tom gozado:  
– Eu não bebi no serviço,  
já cheguei embriagado.

Com um olho, o Velho Barreiro  
acompanha o movimento  
se não avista o patrão  
ele aproveita o momento  
e beba um trago na hora  
que o chefe está desatento.

Ao beber olha o relógio  
algo embaçado e frontal,  
sem saborear o trago  
que bebe não é legal  
quando largar bebe um  
trago profissional.

Na fantasia criada  
pela mente delirante  
o Velho Barreiro toma  
os ares de importante  
falando de um passado  
imaginário e distante.

No auge do seu delírio  
não é como o velho Chico  
que sempre foi miserável  
desde que deixou Angico  
o Velho Barreiro, não,  
já viveu podre de rico.

É quando conta a fortuna  
que possuía na praça  
não quer que ninguém duvide,  
não permite que achem graça  
nem mesmo se estiver fora  
do efeito da cachaça.

Tira vale todo dia  
apenas para beber,  
quer dinheiro adiantado  
sem dentro um centavo ter  
pois há muito não tem mais  
nada para receber.

E sem ter direito a fêria  
ele quer tirar no peito  
não adianta o patrão  
dizer que não tem direito.  
No fim ainda declara  
que só quer tudo bem feito.

Sem dinheiro é um perigo  
o nosso Velho Barreiro  
entra em terreiro de umbanda  
dizendo que é feiticeiro  
no fim acaba levando  
na conversa o macumbeiro.

Discuta com crente e pede  
pra jogar a bíblia fora  
que no mundo só tem fé  
em Deus e Nossa Senhora  
com eles está na farra,  
no trabalho e onde mora.

Dá soco, esmurra a igreja  
e casa paroquial,  
quer, com os seus próprios punhos  
derrubar a catedral  
pensando talvez que tenha  
força fora do normal.

Bebe as canas das esquinas  
para os Exus colocadas,  
as garrafas de cachaça  
às Pomba Giras deixadas,  
os marrafos que encontra  
à noite em encruzilhadas.

Chuta a comida do santo  
para provar que é macho,  
leva os cascos pra vender  
com a maior cara de tacho  
e diz para o português  
que encontrou no despacho.

Talvez o Velho Barreiro  
noutra reencarnação  
desperte à realidade,  
acenda a luz da razão  
pois nesta vida presente  
não terá mais jeito não.

FIM

julho/87

9482



***Gonçalo Ferreira***

**STUDIO GRÁFICO E EDITORA**

**Livros, Jornais, Revistas e Folhetos**

**Tel.: 232 - 6548**